

APRENDER COM A TERRA E EDUCAR PARA VIDA: REFLEXÕES SOBRE A MONITORIA EM FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Diego Israel da Silva¹

¹ Aluno do Curso de Licenciatura em Pedagogia – UPE/Campus Garanhuns

diego.isilva@upe.br

Palavras-chave: Monitoria. Educação Libertadora. Diálogo de Saberes.

1 INTRODUÇÃO

Durante minha experiência como monitor da disciplina Fundamentos Antropológicos da Educação na Universidade de Pernambuco (UPE), no curso de Letras, vivenciei um processo enriquecedor de troca de saberes e reflexão crítica. Em vez de prestar apoio direto aos alunos, participei de encontros semanais com o professor, nos quais discutíamos leituras essenciais para a disciplina, com destaque para o livro “*A Terra Dá, a Terra Quer*”, de Antônio Bispo dos Santos, popularmente conhecido como Nêgo Bispo. Essas discussões se aprofundaram a partir de uma abordagem inspirada pelo pensamento de Paulo Freire, que vê a educação como um processo dialógico, construído a partir da experiência e da reflexão mútua.

Esses momentos de diálogo ampliaram minha compreensão sobre o papel da educação na valorização dos saberes tradicionais e no fortalecimento das identidades dos educandos. Ao refletir sobre o livro de Nêgo Bispo, percebi a importância de uma educação que reconheça as culturas locais, seus saberes e histórias, e como isso pode contribuir para uma educação emancipatória. Esse entendimento, alinhado com Paulo Freire, reforçou em mim a certeza de ser um educador comprometido com práticas pedagógicas que promovam autonomia, dignidade e transformação social, por meio da valorização dos saberes dos educandos.

O objetivo desta reflexão é explorar como as leituras e discussões realizadas durante a monitoria ampliaram minha compreensão sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais justa, em que o reconhecimento e a valorização dos saberes locais não apenas contribuem para o fortalecimento da identidade dos alunos, mas também fomentam uma educação crítica e emancipatória. Essa experiência consolidou minha convicção de que, como futuro professor, meu compromisso deve ser com uma prática pedagógica que incentive o diálogo, a criticidade e uma leitura de mundo fundamentada, essenciais para a transformação social e a emancipação dos educandos.

2 RELATO DE CASO

Minha função como monitor não envolvia auxiliar os alunos diretamente, mas consistia em reuniões semanais para discutir a obra “*A terra dá, a terra quer*”, de Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo, com o professor. A cada encontro, conversávamos sobre a reciprocidade entre a terra e os seres humanos, a resistência cultural dos povos tradicionais e a importância do conhecimento ancestral. Essas reflexões foram além do conteúdo da obra e aprofundaram a discussão sobre os fundamentos antropológicos,

especialmente no que diz respeito à integração e valorização desses saberes no contexto acadêmico.

A monitoria foi além da reflexão teórica, integrando prática pedagógica alinhada aos princípios de Paulo Freire, que defende uma educação horizontal, em que educador e educando aprendem mutuamente. As discussões com o professor não se limitaram aos textos, mas exploraram como essas leituras poderiam transformar o ambiente acadêmico, promovendo uma educação crítica que respeita às culturas e saberes locais.

A educação transformadora, como descrita por Freire (2022), tem o potencial de romper com as estruturas que mantêm as desigualdades e a dominação. No contexto da minha monitoria, percebi como esse tipo de educação não apenas questiona o conhecimento convencional, mas também oferece novas possibilidades para integrar as culturas marginalizadas, promovendo um entendimento mais profundo e respeitoso da diversidade.

Paulo Freire, em sua abordagem pedagógica, afirma que o conhecimento é construído "numa relação dialógica, em que o educador e o educando, ambos sujeitos do processo, se educam mutuamente" (2022, p.47). Essa ideia se manifestava claramente em nossas discussões na monitoria. Assim como Freire defende que o educador deve caminhar lado a lado com o educando, promovendo um aprendizado compartilhado, a monitoria era um espaço de troca, onde o conhecimento não ocorrera de modo unilateral, mas era constantemente enriquecido pela experiência e reflexão conjunta entre os participantes sobre o texto.

Freire (2022) nos convida a ver a educação como uma prática que não é unilateral. Ele sugere que, em um ambiente educacional verdadeiro, educador e educando são igualmente sujeitos da aprendizagem. Essa ideia se refletiu nas discussões de monitoria, onde tanto o professor quanto eu, como monitor, fomos simultaneamente aprendizes e professores, e o conhecimento não foi um processo de simples transmissão, mas uma troca contínua de experiências e saberes.

O aprendizado compartilhado se concretizou na prática ao discutirmos "*A Terra Dá, a Terra Quer*", onde cada participante contribuiu com suas perspectivas e experiências. O processo educacional se tornou uma construção coletiva, permitindo reavaliar nossas compreensões sobre a realidade. Isso reforçou a importância de uma educação democrática e inclusiva, onde todos têm algo a aprender e ensinar, independentemente de sua posição na sala de aula.

3 DISCUSSÃO

Ao longo dos encontros, levantamos questões importantes sobre a função da antropologia, à luz das ideias de mundo apresentadas por Nêgo Bispo. A obra nos desafiou a repensar a terra não como um objeto a ser explorado, mas como um ser com o qual estabelecemos uma relação de respeito e reciprocidade.

A monitoria em Fundamentos Antropológicos da Educação impactou profundamente minha prática pedagógica, ampliando meu conhecimento teórico e desafiando minha postura como educador. As discussões sobre a obra "*A Terra Dá, a Terra Quer*" e as ideias de Nêgo Bispo me mostraram como integrar saberes acadêmicos e populares, promovendo uma educação mais crítica e contextualizada. Esse processo de



reflexão constante com o professor fez da monitoria um espaço de construção coletiva do conhecimento, alinhado à proposta de Paulo Freire de uma educação dialógica, onde educador e educando aprendem mutuamente. Isso transformou minha visão da docência, ressaltando a importância de valorizar as culturas locais e os saberes diversos.

Essa compreensão nos leva a refletir sobre a importância de uma educação que respeite e valorize as visões de mundo das comunidades tradicionais, um ponto que Paulo Freire (2022) também propõe. Segundo Freire, a educação deve ser um processo crítico e engajado, onde o conhecimento não é algo imposto, mas sim construído de maneira dialógica, com base na escuta e no respeito à autonomia e à dignidade dos sujeitos. Nesse sentido, a educação deve promover um "conhecimento que liberta", que reconhece e fortalece os saberes ancestrais, oferecendo aos educandos as ferramentas necessárias para resistir às opressões culturais e sociais que buscam enfraquecer suas identidades.

Assim como Paulo Freire propõe que o conhecimento genuíno é fruto da prática e da reflexão, a leitura de *"A terra dá, a terra quer"*, reforça a necessidade de que o saber seja construído em diálogo com as comunidades estudadas, respeitando e valorizando suas visões de mundo. A participação na monitoria tornou-se, então, uma forma prática de vivenciar o aprendizado dialógico, onde a obra de Nêgo Bispo nos convidava a ver a antropologia como um campo de respeito e interação, em vez de mera observação ou análise.

Esta vivência me proporcionou momentos de conexão, que vão além de uma simples leitura. Percebi como a docência carrega um valor significativo para a transformação social. É como plantar uma semente que se desenvolve em ambientes de desafios ou condições desfavoráveis, resistindo e crescendo. Assim como Nêgo Bispo destaca a luta e a esperança, vejo a docência como um pilar essencial, guiando minhas ações e reflexões no meio social.

Nesta caminhada, um dos momentos mais marcantes foi o contato com as ideias de Michel Foucault (2019), especialmente sua análise sobre o poder, que destaca que ele é mais eficaz quando se busca moldar e disciplinar os indivíduos de forma sutil, ao invés de usar a repressão direta. Foucault, em *Vigiar e Punir*, explica como o poder moderno se manifesta por meio de práticas que visam conformar os comportamentos e as mentalidades, criando sujeitos que internalizam e aceitam a ordem social estabelecida. Ele argumenta que, ao invés de recorrer à punição explícita, o poder exerce sua influência através de mecanismos de normalização que induzem os indivíduos a se submeterem sem necessidade de coerção visível.

Esse conceito dialoga diretamente com a visão de Nêgo Bispo, que, em *A Terra Dá a Terra quer*, mostra como as comunidades quilombolas e indígenas foram sistematicamente enfraquecidas, não só pela força, mas por meio de práticas que desvalorizam e domesticam seus saberes. Ao compreender o poder como uma força que atua para 'normalizar' os indivíduos, tanto Bispo quanto Foucault apontam que, em vez de punições explícitas, o poder mantém seu domínio enfraquecendo as resistências, moldando, sutilmente, comportamentos e práticas culturais.

Bispo, revela que essa dinâmica de enfraquecimento acontece de modo sutil e constante, por meio da desvalorização e até da apropriação dos saberes e práticas ancestrais dessas comunidades. Em vez de enfrentar diretamente essas resistências

culturais, o sistema dominante tenta desarticular a força das tradições e do conhecimento local, tornando as comunidades mais vulneráveis e dependentes das estruturas hegemônicas.

Assim, enquanto Foucault aponta a 'normalização' como um mecanismo de controle, Bispo observa que essa normalização ocorre de forma silenciosa e constante, minando a resistência cultural das comunidades e tornando suas práticas e conhecimentos locais cada vez mais invisíveis e marginalizados.

Dessa forma, a obra de Nêgo Bispo dialoga fortemente com o pensamento freiriano, pois ele defende uma educação conectada com a realidade e a cultura das comunidades tradicionais. Ele propõe que os saberes quilombolas e indígenas não sejam vistos como “menores” ou “atrasados”, mas sim como uma forma de conhecimento que questiona as estruturas de poder e revela alternativas para a sustentabilidade e a justiça social. O conhecimento ancestral é, para Bispo, uma forma de resistência que fortalece a identidade coletiva e oferece meios de enfrentar as opressões cotidianas.

Essa conexão entre Foucault, Nêgo Bispo e Paulo Freire traz à tona a importância da educação como um caminho para a emancipação. Se a sociedade cria condições para que comunidades inteiras sejam vistas como “fracas”, a educação crítica propõe uma ruptura desse ciclo, incentivando a valorização das identidades e das culturas locais. Nas discussões na monitoria, tornou-se claro como uma educação transformadora, comprometida com os valores de justiça e autonomia, é capaz de fortalecer os que, historicamente, têm sido enfraquecidos pelo poder.

A vivência na monitoria trouxe uma nova compreensão sobre a docência, evidenciando que ela não se limita a um papel técnico ou institucional, mas carrega uma dimensão ética e cultural. Participar de reflexões profundas sobre obras como *A Terra Dá*, *a Terra Quer*, me mostrou que o ensino precisa ser uma prática que provoca, desafia e reconstrói o olhar do educador sobre sua atuação. Essa experiência me levou a enxergar o ato de educar como um compromisso com a transformação, no qual a sala de aula se torna um espaço de diálogo genuíno, capaz de conectar os saberes acadêmicos com a realidade cultural e histórica dos educandos, criando condições para que ambos cresçam nesse processo.

A monitoria transformou minha visão sobre a docência ao evidenciar a importância de contextualizar o ensino nas realidades culturais e sociais dos educandos. Refletir sobre as ideias de Nêgo Bispo e Paulo Freire me mostrou que a prática docente deve ser capaz de dialogar com as experiências e os saberes locais, valorizando a vivência dos educandos como ponto de partida para a construção do conhecimento. Essa abordagem não apenas enriquece o processo de aprendizagem, mas também fortalece o vínculo entre educador e educando, ao tornar o ensino mais significativo e conectado às realidades que eles compartilham.

4 CONCLUSÕES

A experiência de monitoria em Fundamentos Antropológicos da Educação foi fundamental para consolidar a ideia de que a educação deve ser um espaço de transformação social, onde os saberes tradicionais e as culturas locais são não apenas respeitados, mas também valorizados. Ao refletir sobre as obras de Nêgo Bispo, Paulo

Freire e Michel Foucault, compreendi que a educação é, antes de tudo, um processo de escuta e reconhecimento da diversidade cultural. Ela não se limita à transmissão de conhecimento, mas se configura como uma prática pedagógica capaz de fortalecer identidades culturais e oferecer alternativas para a resistência contra as opressões culturais.

Essa experiência demonstrou que, ao integrar saberes acadêmicos e populares, a educação se transforma em uma poderosa ferramenta de emancipação e justiça social. Essa vivência ampliou minha compreensão sobre o papel da docência, que deve ir além da técnica para se comprometer com a transformação social. A prática pedagógica, nesse sentido, deve ser uma ponte entre os saberes da terra e os saberes acadêmicos, respeitando as histórias, culturas e identidades dos educandos. Com isso, sigo minha jornada acadêmica e profissional com o compromisso de promover uma educação que, como preconiza o pensamento de Nêgo Bispo, seja respeitosa com as culturas e identidades locais, e que contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

A monitoria em Fundamentos Antropológicos da Educação teve um impacto direto na minha prática pedagógica, ampliando minha visão sobre o papel do educador como facilitador do diálogo e da construção coletiva do conhecimento. Essa experiência me motivou a adotar uma abordagem mais crítica e respeitosa com os saberes locais, integrando-os ao ensino acadêmico. Em minha trajetória futura como pedagogo, sinto-me cada vez mais motivado a incorporar os princípios de uma educação emancipatória, onde o processo de aprendizagem seja construído coletivamente, respeitando e valorizando as culturas locais. Essa prática pedagógica, que integra saberes acadêmicos e populares, será, sem dúvida, um pilar essencial em minha atuação, pois acredito que a transformação social começa na sala de aula, através do reconhecimento e fortalecimento da identidade dos educandos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: História da Violência nas Prisões. Trad. Luiz Felipe S. S. de Mello. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A Terra Dá, a Terra Quer**. São Paulo: Ubu editora, 1ª ed. Mandacaru: Independente, 2023.